

Objetivo ou subjetivo?

O jornalismo de Joe Sacco em análise de duas reportagens

MAURÍCIO XAVIER SILVA

*Programa de Pós-Graduação em Comunicação da
Universidade Federal do Ceará
Universidade Federal do Ceará
silvaxaviermauricio@gmail.com
/0009-0004-9046-6409*

RICARDO JORGE DE LUCENA LUCAS

*Programa de Pós-Graduação em Comunicação da
Universidade Federal do Ceará
Universidade Federal do Ceará
ricardo.jorge@gmail.com; ricardojorge@ufc.br
/0000-0002-6801-4797*



Como prática, profissão e indústria, o jornalismo passa por um momento peculiar em sua existência. A expansão da internet e das redes sociais possibilita uma disseminação instantânea de informação que contorna a mediação do jornalismo. Tal dinâmica torna menos exclusivo um dos tradicionais papéis do jornalismo: o de informar a população de acontecimentos recentes. Além disso, conforme sugerem Bell e Owen (2017), as três principais fontes de renda do jornalismo através do século XX foram todas erodidas pela internet. “Classificados e publicidade gráfica foram alterados pelo Craigslist e Google, respectivamente, e as assinaturas se mostraram difíceis de gerar para produtos digitais”, que precisavam competir por espaço com formas de conteúdo acessíveis gratuitamente: redes sociais, blogs, plataformas de vídeo como o YouTube, e até a pirataria.

As dificuldades enfrentadas pelo setor jornalístico na contemporaneidade são grandes e múltiplas, e servem de preâmbulo para ajudar a explicar o contexto do fortalecimento do jornalismo em quadrinhos (doravante, JQ). O livro-reportagem *Palestina* (figura 1), do quadrinista Joe Sacco, frequentemente considerado como um de seus marcos iniciais, foi publicado originalmente entre 1993 e 1995, menos de 30 anos atrás. O sucesso de *Palestina* abriu espaço para outras obras e criadores, e atualmente o JQ é uma maneira reconhecida de se fazer jornalismo, aparecendo em publicações especializadas e veículos tradicionais.

Pour citer cet article

Référence électronique

Maurício Xavier Silva, Ricardo Jorge de Lucena Lucas, « Objetivo ou subjetivo? O jornalismo de Joe Sacco em análise de duas reportagens », *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo* [En ligne], Vol 12, n°2 - 2023, 15 décembre - december 15 - 15 de dezembro.

URL : <https://doi.org/10.25200/SLJ.v12.n2.2023.573>



Figura 1: Página 55 de *Palestina*, de Joe Sacco



Fonte: página 55 de *Palestina*, de Joe Sacco

O JQ, prática que apenas recentemente passou a ter espaço em veículos tradicionais de informação, existe em parte como uma nova possibilidade de jornalismo a ser explorada neste período de extrema mudança e incerteza sobre a profissão, e em parte como um espaço onde tal mudança e incerteza são bem exemplificadas. De forma análoga ao fenômeno de canais do YouTube informativos não-jornalísticos, há vários trabalhos de não-ficção em quadrinhos onde pessoas não formadas como jornalistas fazem trabalhos com certo teor informativo. Muanis (2019), por exemplo, trabalha o conceito de quadrinho documental como uma categoria ampla, que contém a categoria dos quadrinhos jornalísticos e também outros trabalhos não-jornalísticos, “relatos baseados em experiências vividas”. Assim, o espaço próprio e bem demarcado do jornalista se torna cada vez mais diminuto.

De forma relacionada, essa redução do espaço do jornalismo tradicional, potencialmente resultante de uma desconfiança do público, também é parte importante do fenômeno do JQ, que é (e pode se apresentar como) uma nova maneira de se fazer jornalismo con-

forme algumas estratégias discursivas contemporâneas. Porém, isso também gera certa reação negativa dos campos tradicionais. Em certas instâncias, a prática foi vista como uma vulgarização do jornalismo, como se a mídia dos quadrinhos, frequentemente usada para histórias infanto-juvenis e por causa da intensa individualidade presente em cada desenho, não conseguisse comportar a seriedade necessária para o trabalho jornalístico. Uma reportagem de 2011 do *The New York Times* reconta a situação em que Art Spiegelman, autor de *Maus* (não uma obra de JQ, ainda que muito influente para o campo), em ocasião da publicação de sua obra na Alemanha, foi questionado por um repórter: “Você não acha que uma história em quadrinhos sobre o Holocausto é de mau gosto?”.

Ao longo do século XXI, a aceitação das obras de não-ficção em quadrinhos tem crescido, e posições extremas como a citada acima raramente são defendidas, mas ainda há trabalhos no JQ que têm relações bem diferentes com o jornalismo tradicional e suas exigências. Alguns, em parte obras publicadas em veículos de circulação tradicional, como a revista *Time* ou o jornal *Folha de São Paulo*, fazem parte de uma lógica de produção tradicional, e são estruturalmente similares às matérias que tais veículos costumam imprimir; outros, normalmente publicados por editoras independentes e veículos jornalísticos menores, se distanciam do jornalismo tradicional em texto, composição visual e estrutura.

O interesse deste artigo é explorar essas diferenças, e suas possíveis explicações, por meio da análise das reportagens “Julgamentos de Guerra” e “Desce! Sob!” (no original, “The War Crimes Trials” y “Down! Up!”), ambas de Joe Sacco e publicadas em *Reportagens*. A nossa hipótese é de que obras distintas do mesmo autor, potencialmente vistas como “similares” pelo senso comum e mesmo por profissionais ligados ao campo do Jornalismo, podem refletir possibilidades substancialmente distintas de relações entre quadrinhos e jornalismo. Em certos momentos, os trabalhos de Sacco originalmente publicados em veículos tradicionais de mídia podem ser vistos como uma adaptação de preceitos tradicionais de reportagens para a linguagem dos quadrinhos. Outras obras, por sua vez, são exemplos de como um quadrinista influenciado por outras tradições (como a contracultura americana dos anos 1960) pode encontrar uma forma de produzir jornalismo que se distancia das demandas típicas da grande mídia.

Adotamos aqui, como metodologia, uma adaptação da Análise de Atos de Subjetivação e Objetivação (proposta por Araújo, 2019, para a análise de reportagens em jornalismo impresso) para a linguagem dos quadrinhos, levando em consideração especificidades da mídia. Tal metodologia nos permite tratar os con-

ceitos de objetividade e subjetividade não como monólitos, que indicam se um trabalho “é” ou “não é” parte dessas categorias, mas sim como estados mais fluidos, que o jornalista-quadrinista pode trazer para a superfície de seu trabalho em determinados momentos, dependendo de quais construções textuais e imagéticas ele produz. Com base nessa metodologia, analisamos as duas matérias mencionadas, conforme publicadas em *Reportagens*, coletânea de trabalhos realizados em veículos tradicionais. Na coletânea, há a proeminência de atos de objetivação que mantêm o trabalho ligado a uma maneira consolidada de se fazer jornalismo, mas os impulsos subjetivos que Sacco apresenta em trabalhos como *Palestina* afloram à superfície em outros momentos.

Cumpra lembrar que, ao nos referirmos a termos como “objetividade” e “subjetividade” no âmbito deste artigo, levamos em consideração as formas contemporâneas pelas quais o campo jornalístico pressupõe tais expressões, baseado tanto na tradicional distinção por gêneros (informativos, interpretativos, opinativos) quanto por formatos (reportagem, nota, entrevista etc.). Sabemos, ainda, que tais fronteiras tendem a se borrar na medida em que surgem novos meios, novas lógicas produtivas, novas possibilidades de estruturação textual e discursiva e novos contratos de leitura/comunicação entre veículos e audiência. Por fim, temos em mente que o uso de imagens desenhadas tanto pode significar a busca por um resultado discursivo mais informativo (baseado na narrativa e na descrição) quanto por um resultado mais opinativo (baseado em caricaturas e desenhos que sugerem potencialidades argumentativas e, complementariamente, narrativas) (conforme sugerem Lochard & Boyer em discussão sobre os propósitos comunicativos nos meios de comunicação, 2004, p. 63-64).

1. JOE SACCO

Apesar de relevantes interações e proximidades entre quadrinhos e jornalismo através dos séculos XIX e XX, a ideia de que os quadrinhos seriam uma mídia adequada como linguagem principal de uma notícia ou reportagem (conceito necessário para a existência do JQ propriamente dito) demora até as últimas décadas do século XX para ganhar ampla aceitação, graças a obras como *Palestina*, de autoria de Joe Sacco, publicada inicialmente entre 1993 e 1995.

É inegável a afirmação que *Palestina* é uma obra de jornalismo em quadrinhos, mesmo que o espaço do JQ fosse tão escasso antes de sua existência. Os relatos de Sacco, apesar de informados pela história da região, se focam em eventos recentes, como entrevistas com pessoas liberadas da prisão poucos meses antes ou representações de protestos que o autor presenciou ao

vivo. Além disso, os personagens principais de Sacco são estranhos, pessoas que o quadrinista não conhecia até começar sua pesquisa de campo, e das quais ele mantém uma relativa distância que tem inúmeros precedentes na prática jornalística.

Isso não significa que o cartunista maltês siga a cartilha do jornalismo a risca, e que sua individualidade não seja perceptível nessa obra: Sacco fala frequentemente sobre si mesmo no quadrinho (sua frustração com um certo grupo de meninos palestinos, sua alegria ao conseguir uma boa noite de sono, sua exaustão ao presenciar o sofrimento de tantas pessoas). Tal pessoalidade também é perceptível na enorme proeminência de vozes palestinas, com pouco espaço sendo dado a vozes israelenses: Sacco é um apoiador convicto da causa palestina, e seu trabalho explicita isso.

A recepção favorável à obra *Palestina* catapultou Sacco, com oportunidades de trabalhos mais curtos em revistas como *Zero Zero* e *Details*. Seu livro-reportagem seguinte, *Área de Segurança: Gorazde* (sobre a Guerra da Bósnia, publicado originalmente em 2000), recebeu atenção imediata de diversos veículos jornalísticos tradicionais. A partir desse momento, a carreira de Sacco é marcada por dois tipos de trabalhos: outros livros-reportagem, como *Uma História de Sarajevo* e *Notas Sobre Gaza*, e pequenas matérias em quadrinhos para veículos já estabelecidos, como a *New York Times Magazine* ou o jornal *Boston Globe*. Diversos destes trabalhos estão compilados no livro *Reportagens*, publicado no Brasil em 2016.

A recepção positiva ao trabalho de Sacco não influenciou apenas a carreira do próprio quadrinista: a ideia de se fazer produção jornalística dentro do meio dos quadrinhos ganhou substancial popularidade depois de seu sucesso. Silva (2017) aponta que “em vários países, diversas outras experimentações também surgiram e continuam aparecendo”: o website italiano *Becco Giallo*, a revista online francesa *XXI*, o website americano (com colaboradores de diversos países) *Cartoon Movement*, entre outros exemplos.

Essa crescente aceitação do JQ foi percebida também na academia, com diversos estudos no Brasil e no mundo dedicados a estudar elementos do fenômeno, e particularmente o trabalho de Joe Sacco, seu mais famoso expoente. Porém, não vamos discorrer aqui sobre a produção acadêmica de outros países sobre o JQ, pois tal tarefa se afasta de nosso interesse: analisar aspectos ligados às questões da objetividade e da subjetividade na obra de Sacco.

O trabalho de Sacco é, em diversos aspectos, descendente da cultura americana adversarial da década de 1960. Primeiramente, fazendo parte de uma tradição de quadrinhos *underground* que começa naquela década,

que lida frequentemente com assuntos como drogas, política, sexo e religião. Outro dos assuntos mais comuns desses quadrinistas eram suas próprias vidas: Souza Júnior (2020) descreve os experimentos com quadrinhos autobiográficos feitos nos anos 1960 e 1970 por autores como Justin Green, Robert Crumb e ainda um jovem Art Spiegelman, explorando o passado de sua família na Shoah em quadrinhos que antecedem *Maus*. Os primeiros trabalhos de não-ficção de Sacco, publicados entre 1988 e 1992 sob o título *Yahoo!* (compilados em edição brasileira sob o título *Derrotista*), se encaixam facilmente nessa tradição. As histórias do tempo do cartunista na Europa mostram um período regado a álcool e ansiedades sexuais enquanto Sacco acompanha uma banda de rock em turnê, bem como um período dominado por uma fascinação nervosa e adversarial que o cartunista desenvolveu com a Guerra do Golfo e a maneira que ela era coberta em telejornais.

Sacco também é descendente de uma cultura adversarial no seguinte sentido: ele é um jornalista de formação que deixou a profissão pouco tempo depois da graduação, após, entre outras experiências, um emprego no jornal da Associação Nacional de Tabelaes, que considerou “extremamente entediante”. Sacco conhece o paradigma de objetividade do jornalismo tradicional, foi ensinado sob a influência dele, e parece sentir que esse paradigma não permite que ele faça o jornalismo que quer fazer. Consequentemente, quando Sacco retorna ao jornalismo, volta com sua subjetividade à mostra, no formato de livro-reportagem que carrega diversos dos maiores marcos do New Journalism, mas abraçando a subjetividade mais abertamente, rejeitando ferramentas da profissão que pudessem parecer imparciais. Em introdução publicada na edição brasileira de *Palestina*, por exemplo, o quadrinista afirma que

A visão do governo israelense já está bem representada pela grande mídia norte-americana, e é calorosamente defendida por quase todo político eleito para altos cargos nos Estados Unidos. *Palestina* foi uma tentativa de retratar um pouco da experiência dos palestinos durante a ocupação na primeira Intifada (Sacco, 2011, p. xvii).

Seria incorreto afirmar que a disputa entre objetividade e subjetividade do discurso é uma característica única do campo do jornalismo. De fato, o paradigma de objetividade jornalística que é construído nas décadas de 1930 e 1940 (largamente inspirado no trabalho de Walter Lippmann) surge como reação a um entendimento crescente na época, em campos do conhecimento tão diversos quanto a Psicanálise e a Física Quântica, nas quais a imprecisão e a subjetividade são inescapáveis. Porém, são as especificidades desse paradigma — as técnicas que os jornalistas empregam para manter suas reivindicações à objetividade — que o tornam um prisma importante para a análise do JQ.

O fato de que o jornalismo de Sacco é produzido na mídia das histórias em quadrinhos coloca em evidência a relação entre o paradigma de objetividade e a primazia da fotografia (e sua descendente, a televisão) como a principal forma de imagem jornalística. Historicamente, a fotografia tomou o espaço do desenho em parte por parecer objetiva, ser propensa a esconder a personalidade e subjetividade do artista por trás de um objeto mecânico.

Palestina, então, reintroduz de forma explosiva a subjetividade do desenho no jornalismo. Seu autor rejeita o realismo de desenhistas-jornalistas do século XIX em favor de seu estilo intensamente caricato, influenciado por autores como Crumb, desenvolvido para um humor satírico e não um registro sóbrio e distanciado de eventos reais. Além disso, Sacco frequentemente desenha a si mesmo nas cenas, colocando o processo jornalístico e a pessoa do jornalista em evidência, rejeitando o incentivo que a fotografia oferece ao fotojornalista de fingir que não há pessoa nenhuma atrás da câmera, nenhuma subjetividade influenciando a imagem. De fato, em apresentação feita sobre seu trabalho em 2002, Sacco explica que

“as pessoas me perguntam muito sobre a origem do JQ e porque eu me represento no meu jornalismo, mas você tem que entender que eu comecei fazendo quadrinhos autobiográficos, então era bem natural pra mim me desenhar no meu trabalho jornalístico. Eu sou só um produto daquele gênero autobiográfico”. (Sacco, 2002)

Porém, isso não significa que a relação do JQ com a questão da objetividade é estática: na verdade, muito pelo contrário. É um fato que a reivindicação de objetividade da fotografia, a possibilidade de ela parecer “como se estivéssemos lá”, não é tão forte nos quadrinhos, mas isso não significa que o JQ está obrigado a rejeitar as práticas tradicionais e fazer um trabalho explicitamente distante delas, como *Palestina*. Certas obras, incluindo algumas do próprio Joe Sacco (curtas matérias publicadas em veículos tradicionais, como as agregadas em *Reportagens*), optam por adaptar para os quadrinhos rituais estratégicos padrões na indústria do jornalismo, como certas técnicas imagéticas da fotografia e da televisão, assim construindo um JQ mais próximo do jornalismo tradicional, conforme veremos adiante.

2. METODOLOGIA E ANÁLISE

Em sua dissertação de mestrado intitulada *Reportar e afetar(-se): atos de objetivação e subjetivação na grande narrativa impressa “Viúvas do Veneno”*, Araújo (2019) vê a necessidade de articular questões de objetividade e subjetividade jornalística. A autora faz um levantamento

to da possibilidade de uma percepção menos dualista entre objetividade e subjetividade, buscando enxergar esses dois polos não como mutuamente excludentes, e sim como estratégias discursivas complementares. Com determinadas práticas profissionais, os jornalistas podem produzir um texto com marcações de subjetividade em certos momentos, mas com reivindicações de objetividade em outros, evitando, assim, uma visão monolítica dos textos jornalísticos como sendo estritamente “objetivos” ou estritamente “subjetivos”. Assim, Araújo se propõe a criar uma metodologia capaz de articular tais dinâmicas, o que permite mostrar que seu objeto de análise não “é” uma obra subjetiva ou objetiva, e sim uma obra que, em determinados momentos, faz uso de uma das estratégias discursivas e não da outra, por uma série de possíveis motivos. Uma das vantagens da adoção de tal método é evitar a armadilha da categorização *a priori* de um texto jornalístico com base, por exemplo, em seus paratextos (localização editorial, título, conforme categoria proposta por Genette, 1987) ou seus textos complementares *in praesentia* (matérias coordenadas, imagens, legendas etc., conforme López Hidalgo, 2009).

O que a autora cria, então, é uma metodologia intitulada Análise dos Atos de Objetivação e Subjetivação (abreviada pela autora como “Anatos”), capaz de observar a série de reportagens sendo analisada e encontrar momentos em que as estratégias de objetividade e subjetividade estão sendo utilizadas. O resultado é um entendimento mais multifacetado do material jornalístico por ela analisado. Com base em estudos de diversos autores (Luiz Gonzaga Motta, Gaye Tuchman, Cremilda Medina, entre outros) sobre objetividade e subjetividade jornalísticas, Araújo chega a duas listas de atos de objetivação e subjetivação, organizadas nas tabelas 1 e 2.

Pode parecer inadequado utilizar uma metodologia desenvolvida para uma reportagem tradicional de jornal para discutir obras em quadrinhos. Porém, defendemos as reportagens dentro do livro *Reportagens* são parentes próximas de *Viúvas do Veneno*: longas reportagens publicadas em veículos tradicionais, um dos gêneros mais propensos a atos de subjetivação dentro de um espaço historicamente ligado ao conceito da objetividade.

Naturalmente, será dada consideração às maneiras pelas quais os atos de objetivação e subjetivação podem diferir entre as diferentes mídias. Uma referência de lugar nos quadrinhos pode estar muito ligada ao desenho; em vez de substantivos estigmatizados, um desenhista pode trabalhar com representações visuais estigmatizadas. Porém, a lista de atos de objetivação e subjetivação ainda parece adequada para nossos propósitos.

Os indicadores de objetivação e subjetivação são vários, e uma explanação ampla de todos eles, está

além do escopo deste artigo. Os indicadores mais pertinentes para a análise serão introduzidos conforme aparecem nos textos explorados.

O livro *Reportagens* é composto por 11 matérias (agrupadas em seis capítulos) que Sacco publicou em veículos pré-existentes, bem como sete textos originais escritos pelo autor: uma introdução para o livro e seis breves textos encerrando cada um dos capítulos. Cada matéria nos mostra uma face levemente diferente do trabalho do quadrinista — diferenças essas que podem ser em grande parte explicadas por uma análise de atos de objetivação e subjetivação.

2.1 “JULGAMENTOS DE GUERRA”

Temos como exemplo a primeira reportagem, “Julgamentos de Guerra”, reportagem de seis páginas publicada originalmente na revista *Details* em 1998. A matéria trata dos procedimentos da corte internacional organizada pelas Nações Unidas para julgar os crimes cometidos na Guerra Civil Iugoslava. Sacco já havia visitado a região da antiga Iugoslávia, em visitas à Bósnia e a Sarajevo, que se tornaram material-base para Área de Segurança Gorazde e *Uma História de Sarajevo*.

A primeira grande diferença entre tais livros e “Julgamentos de Guerra” está na extrema diferença de tamanho. Ao trabalhar num espaço reduzido (Sacco teve menos de duas semanas para acompanhar os procedimentos do Tribunal Penal Internacional, e seis páginas para contar essa história), muitas das técnicas usadas por Sacco em seus livros se tornaram inviáveis, como longos relatos em primeira pessoa, silêncios e rupturas à pirâmide invertida. É necessário passar o máximo de informação crucial o mais “rápido” possível e, para cumprir esse papel, as técnicas do jornalismo tradicional são boas ferramentas.

O quadrinho apresenta uma estruturação clara de pirâmide invertida: o primeiro quadro [figura 4] faz a função de *lead* tradicional, respondendo as perguntas “o quê”, “quem”, “onde”, “quando” e “como”, deixando a apresentação de contexto e maiores detalhes para os parágrafos seguintes. Tal estrutura é um dos atos de objetivação apontados por Araújo, pois permite ao jornalista defender sua escolha de estruturação com o apelo às convenções jornalísticas, e não à sua subjetividade.

Há notáveis momentos de referenciação de lugar, com quadros mostrando o prédio do tribunal e a prisão onde a maioria dos acusados se encontra, como que para conferir validade ao trabalho, mostrar que Sacco realmente esteve lá. A matéria também traz um intenso uso de “aspas”, que contrasta com uma completa ausência de relatos em primeira pessoa. Todas as outras vozes da matéria são rele-

Tabela 1: Conjunto de atos/indicadores de objetivação nos textos e nas rotinas produtivas

Indicadores de objetivação	Aplicáveis...		
	ao texto	às rotinas produtivas	a ambos
Estratégias de referência: de atualidade, de lugar, de autoridade, de transparência/precisão (MOTTA, 2013)			
Uso de aspas (MOTTA, 2013; TUCHMAN, 1999)			
Dados numéricos e infográficos (MOTTA, 2013; PEREIRA JÚNIOR, 2006)			
Seguir/adaptar-se a uma rotina produtiva (TUCHMAN, 1999; BIROLI, 2007)			
Atender à política editorial da empresa (TUCHMAN, 1999; AMARAL, 1996; BIROLI, 2007)			
Verificação dos fatos (TUCHMAN, 1999)			
Apresentação de possibilidades conflituais (TUCHMAN, 1999)			
Apresentação de provas auxiliares (TUCHMAN, 1999)			
Estruturar a informação em uma sequência apropriada (TUCHMAN, 1999)			
Separar conteúdos subjetivos e objetivos em espaço específico (TUCHMAN, 1999; BIROLI, 2007)			

Fonte: tabela criada por Araújo (2019)

Tabela 2 : Conjunto de atos/indicadores de subjetivação nos textos e nas rotinas produtivas

Indicadores de subjetivação	Aplicáveis...		
	ao texto	às rotinas produtivas	a ambos
Verbos de sentimento, catárticos, de conselho (MOTTA, 2013)			
Adjetivos/locuções adjetivas afetivas (MOTTA, 2013)			
Substantivos estigmatizados (MOTTA, 2013)			
Exclamações, reticências, repetições (MOTTA, 2013)			
Ênfases, ironias (MOTTA, 2013)			
Conteúdos implícitos e silêncios (MOTTA, 2013)			
Mescla de discursos entre narradores, relatos em primeira pessoa (MEDINA, 2014; SERELLE, 2009)			
Adoção de imprecisões e lexicalizações (MEDINA, 2014; FAIRCLOUGH, 2016)			
Ruptura à pirâmide invertida (CHARRON; BONVILLE, 2016)			
Resistência à compressão do tempo (FIGARO, 2013; MEDINA, 2014; PEREIRA JÚNIOR, 2006;)			
Enfrentamentos à política editorial da empresa (FIGARO, 2013; MIGUEL; BIROLI, 2010)			
Parcialidade justificada (MIGUEL; BIROLI, 2010)			
Impressões do repórter (corporeidade) (MEDINA, 2014; MAROCCO, 2018)			
Reorientação dos valores-notícia (TANIKAWA, 2017; CHARRON; BONVILLE, 2016)			
Diluição de fronteiras entre opinião e informação (TANIKAWA, 2017; CHARRON; BONVILLE, 2016)			

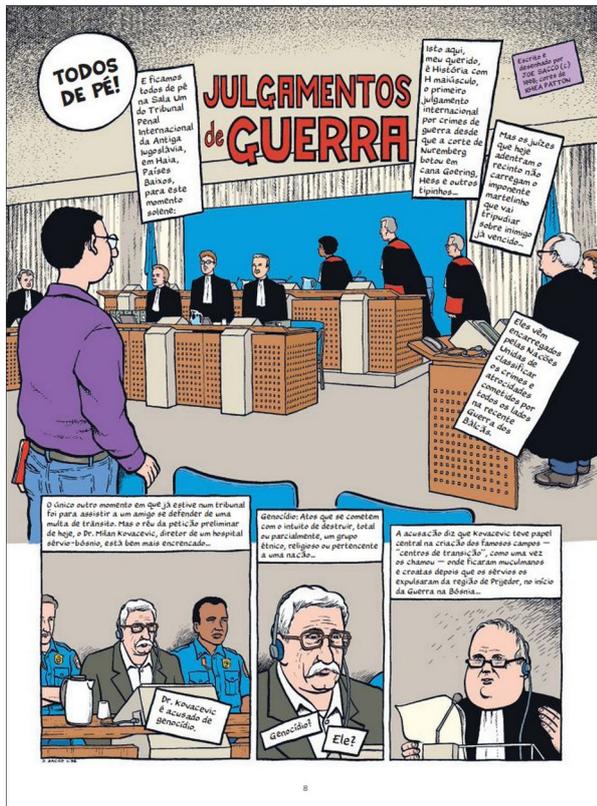
Fonte: tabela criada por Araújo (2019)

gadas a balões de fala, com os recordatórios sendo escritos na voz de Sacco; nenhuma pessoa, além de Sacco, fala por mais de três quadros.

Há uma constante apresentação de possibilidades conflituais: apesar de Sacco parecer acreditar na importância do tribunal, chamando-o de “História com H maiúsculo” e afirmando que “justiça se justifica por

si só”, o autor também mostra falas de três diferentes advogados de defesa, dois deles (figura 2) questionando explicitamente a validade do tribunal (um deles dando a entender que a promotoria é tendenciosa contra os sérvios, o outro afirmando que o tribunal só tem mérito se julgar dois acusados específicos). Mesmo a voz do próprio Sacco, um quadro depois de propor que “justiça se justifica por si só”, apresenta um con-

Figura 2 : Primeira página de “Julgamentos de Guerra”



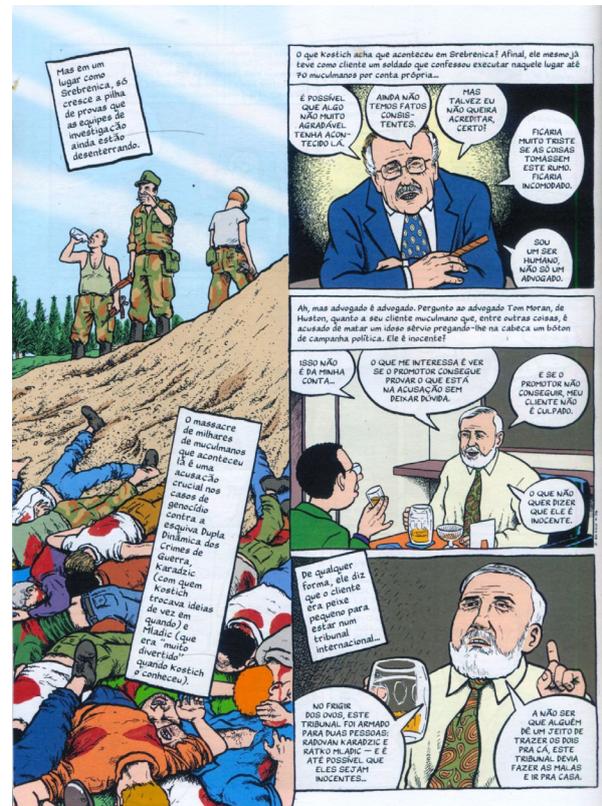
Fonte: página 8 de Reportagens

traponto: “mas há quem diga que este tribunal e o que está tratando de Ruanda só existem por conta da culpa coletiva ocidental”. A reportagem constantemente evita se comprometer com um ponto de vista ou outro, em um dos atos de objetivação mais tradicionais do jornalismo.

“Julgamentos de Guerra” também é marcada por atos visuais de objetivação. Há uma abundância de quadros quase inteiramente retangulares, com recortes perfeitamente alinhados no topo deles, contribuindo para a impressão de uma sobriedade visual associada com o jornalismo tradicional. Em sete dos nove quadros onde as pessoas citadas por nome estão falando com Sacco, elas são apresentadas falando em pequenos quadros, com seu rosto em primeiro plano e um fundo indistinto, de modo similar às *talking heads* do jornalismo televisivo e dos documentários. Nos outros dois quadros, um ângulo alternativo é apresentado, mostrando o entrevistado e Sacco no mesmo quadro, prática que se distancia do efeito *talking head* ao apresentar outras figuras na cena.

Além desses fatores, podemos argumentar que um dos maiores atos de objetivação da matéria é um ato visual, tão óbvio quanto a adaptação da rotina produtiva inerente no limite de seis páginas: “Julgamentos de Guerra”, ao contrário da maioria de seus livros, e

Figura 3 : Quinta página de “Julgamentos de Guerra”



Fonte: página 12 de Reportagens

de qualquer matéria de *Reportagens* exceto uma outra, é desenhada completamente em cores. Sacco não explica o motivo por trás desse elemento nos breves comentários que encerram o capítulo, mas podemos analisar seu efeito. Grande parte do motivo pelo qual a fotografia suplanta quase que inteiramente o desenho como a mídia visual a ser usada no jornalismo é a sua mais firme reivindicação de objetividade. Ao usar uma máquina, e não o talento de um desenhista, para transformar o que o repórter vê no que o leitor vê, o jornalismo pode afirmar que está mais próximo de ser intocado pelas particularidades de um ou outro indivíduo, e apresentando algo mais próximo da realidade como ela é.

O uso de cores em imagens jornalísticas segue muito do mesmo princípio. O mundo real existe em cores, e se o objetivo do jornalismo é ser o mais próximo possível do mundo real, é quase um pré-requisito que ele use cores: é por isso que a fotografia em preto-e-branco se torna exceção no campo do jornalismo a partir do momento que fotografias coloridas se tornaram viáveis. Ao mostrar o sangue vermelho das vítimas dos centros de transição contrastando com o verde do uniforme de seus torturadores, ao contrastar o verde da grama em frente ao tribunal com o marrom da terra que preenche uma vala comum, Sacco se aproxima, aos olhos do leitor, dos

eventos como “realmente” aconteceram, fundamentalmente um ato de objetivação.

A ênfase dada aos atos de objetivação em “Julgamentos de Guerra” não deve ser lida como uma afirmação que não existem atos de subjetivação. Existe alguma marca visual de diferença na maioria dos momentos em que Sacco reconstitui eventos que não acontecem no tribunal: quadros não-retangulares dos dois primeiros terços da página 9, quadros repletos de hachuras nas páginas 9 e 10, a sangria da margem (extensão do desenho até a borda da página) em quadros nas páginas 10 e, conforme ilustrado aqui, 12 (figura 3). Cada um desses momentos é marcado com certa particularidade, como uma recusa a tornar instantes tão distintos visualmente idênticos.

Também estão presentes alguns dos atos de subjetivação tradicionais de Sacco: o uso de reticências e substantivos estigmatizados (“os depoimentos dos peritos que viram uma lenga-lenga interminável...”, “o primeiro julgamento internacional por crimes de guerra desde que a corte de Nuremberg botou em cana Goering, Hess e outros tipinhos...”), bem como o uso de parcialidade justificada, como no segundo quadro da última página (figura 4), onde Sacco afirma que “justiça se justifica por si só...” e agradece que “pelo menos alguém aí está delimitando — mesmo que seja um limite jurídico — o que é carnificina enquanto saímos aos tropeços deste século de horrores”.

Mas mesmo esses atos são relativamente diminutos. As reticências, embora bem presentes, também são acompanhadas de diversos pontos finais, se contrapondo à incerteza das reticências. Mesmo o momento mais evidente de parcialidade justificada, em que Sacco oferece da própria boca uma opinião sobre o julgamento, é questionado: além da possibilidade conflitual sobre culpa coletiva ocidental, apresentada por Sacco no quadro imediatamente seguinte, existe um detalhe interessante no comentário em texto verbal após a reportagem em quadrinhos sobre o Tribunal de Haia, denominado “Anotações: Haia”. Sacco afirma que havia “marcado reuniões com duas das juristas mais importantes envolvidas nos julgamentos dos crimes de guerra”, e que seu plano era que as falas delas explicassem “a tamanha importância do que se fazia em Haia”. Porém, as juristas acharam a revista para a qual Sacco estava fazendo a matéria “cheia de fotos de mauricinhos mimados e mulheres despudoradas, não exatamente o foro mais apropriado para uma matéria sobre questões sérias como crimes de guerra”. As juristas se recusaram a ser citadas ou parafraseadas no texto, e é principalmente por isso que existe o momento mais intenso de parcialidade justificada em “Julgamentos de Guerra”.

No texto onde fala sobre a situação com as juristas, Sacco considera fraca a página final da matéria, em autoavaliação que não parece injusta. Consideramos importante essa afirmação porque, ao contrário do que certos momentos dessa análise podem fazer parecer, não existe, para Sacco ou para nós, uma correlação direta entre atos de subjetivação e qualidade; assim como esse momento de subjetivação enfraquece essa matéria, em outros momentos na carreira do autor, uma predominância de atos de objetivação não prejudica a qualidade da reportagem.

Antes de encerrarmos este tópico, uma consideração que julgamos importante: o fato de que o próprio Sacco oferece, em forma de texto verbal, informações relativas ao *modus operandi* da reportagem. No jornalismo dito tradicional, os bastidores de uma reportagem (como justificativas em relação às fontes, por exemplo) raramente atingem a superfície textual (salvo em situações já tipificadas, como “até o fechamento desta edição, tentamos falar com a fonte X”). Tal autorreflexividade discursiva é rara no jornalismo, conforme sugere Ferguson, ao lembrar que os meios falam muito pouco de si próprios (exceto para se congratularem), exemplificando com as emissoras de TV que podem até mostrar *como* produzem um determinado programa, mas que nunca declararão publicamente *porque* fazem as coisas como fazem, tampouco con-

Figura 4 : Última página de “Julgamentos de Guerra



Fonte: página 13 de Reportagens

fessarão se tentaram fazer tais coisas de modo distinto (Ferguson, 2007, p. 53).

Entre as hipóteses plausíveis para a adoção de tal recurso por parte de Sacco estaria, dentre outras coisas, relatar, através de um sistema semiótico mais “nobre” (o texto verbal), certos aspectos da produção da reportagem em quadrinhos (menos “nobre”) e de porque ela foi produzida de um jeito e não de outro. Além disso, por conta de uma certa “liberdade” jornalístico-editorial que as reportagens em quadrinhos aparentam possuir (por não estarem tão consolidadas em formatos jornalísticos específicos, como o jornalismo impresso ou o televisivo), acreditamos haver aqui uma certa “flexibilidade” semiótica: como é uma área relativamente nova, a reportagem em quadrinhos estaria sujeita a experimentos seja na forma, seja no conteúdo.

2.2. “DESCE! SOBE!”

“Desce! Sobre!” é uma matéria originalmente publicada na revista *Harper's*, em 2007, e cobre um momento de dezembro de 2004, quando um pequeno grupo de soldados da Guarda Nacional Iraquiana foi treina-

Figura 5 : Primeira página de “Desce! Sobre!”



Fonte: página 88 de *Reportagens*

do por dois soldados americanos. Temos uma matéria onde todos os quadros são retângulos alinhados com a página: não só isso, oito das 16 páginas são divididas em três linhas de quadros de similar largura, criando uma sensação de estabilidade visual para a matéria. As reticências são pouco comuns, aparecendo apenas em dois quadros na penúltima página da matéria.

A estrutura de pirâmide invertida é obedecida [figura 5], com referenciais de lugar e momento (embora não atualidade: a matéria é publicada três anos após sua apuração) sendo invocados ainda no primeiro quadro, que responde os indicadores de “onde”, “o quê” e “quando”, com “quem” sendo respondido no quadro seguinte (o sargento Tim Weaver) e “como” começando a ser respondido neste quadro e continuando por muito da matéria: com ordens gritadas em letras em negrito e caixa alta, com balões onde o ponto de exclamação é muito mais comum que o ponto final.

Sacco pouco apresenta opiniões em primeira pessoa, se limitando a algumas lexicalizações (“tira bonzinho”, “um bando de gatos pingados da Guarda Nacional Iraquiana”, “a turma está mais perdida que homem-bomba cego”) e observações sobre a situação imediata (“eles berram as respostas em inglês como se estivessem no prezinho”, “fico pensando se não estão me dizendo o que acham que eu quero ouvir”). Não há momentos em que o autor questione diretamente os métodos dos soldados ou que apresente, em frases explícitas, sua perspectiva sobre aquele processo específico ou a guerra do Iraque em geral.

Porém, não chega a ser correto dizer que Sacco — sua perspectiva e seu compromisso com as vítimas da história — desaparece por completo em meio a esses elementos predominantemente de objetivação. As lexicalizações são espaços nos quais essa perspectiva se apresenta brevemente, mas, em geral, os momentos de parcialidade justificada de Sacco são muito menos explícitos, e raramente envolvem uma fala em primeira pessoa do autor. Em vez disso, o autor opta por quadros de detalhes, como o terceiro da sexta página (figura 6), que encerra uma descrição de uma página sobre os objetivos do projeto com dois curtos balões de fala de Tim Weaver: “Eu amo essa merda. Adoro gritar com os outros.” Ou o último quadro em que Weaver e “seu colega da marinha, o suboficial de 2ª Classe Scott ‘Dr.’ Saba” aparecem na matéria (figura 7), na antepenúltima página, sozinhos no canto superior direito, sem outras figuras, sem background, sem chão e mesmo sem requadro, com Saba falando “Acho que eles não entendem por que estão aqui”.

Mas, Sacco afirma sem afirmar, eles parecem entender mais do que os americanos. O meio e o fim da matéria são marcados por duas breves entrevistas com Qaid, um dos iraquianos sendo treinados, identificado

Figura 6 : Segunda tira da sexta página de “Desce! Sobe!”



Fonte: página 93 de *Reportagens*

Figura 7 : Primeira tira da décima quarta página de “Desce! Sobe!”



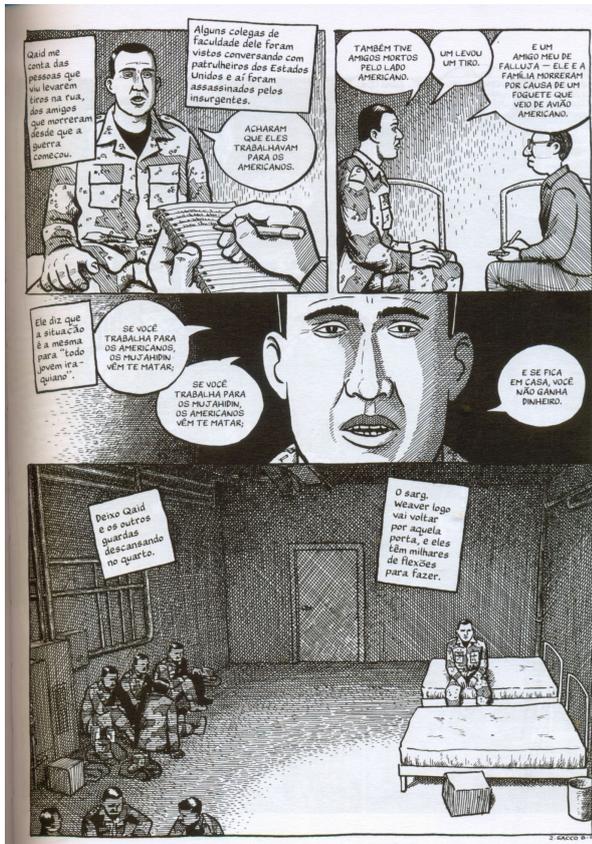
Fonte: página 101 de *Reportagens*

por Sacco como um dos que parecem levar o treinamento mais a sério e que parece ter menos receios a falar o que pensa. Qaid aparece em momentos privilegiados da reportagem, primeiro servindo de intervalo entre duas longas sequências de treinamento, depois sendo a última entrevista feita por Sacco, tendo algumas das últimas palavras da matéria. Nesses momentos, Qaid apresenta uma perspectiva sóbria sobre o que está fazendo ali, e sobre o processo de treinamento como um todo. O homem, graduado em Matemática pela Faculdade Educacional de Ramadi, fala que a Guarda Nacional Iraquiana é uma das poucas fontes estáveis de renda possíveis para vários homens iraquianos naquele momento. Porém, Qaid passa longe de estar enamorado com o serviço: afirma preferir a vida de civil, afirma que entrou no exército para juntar dinheiro por ser de família pobre e querer casar com

uma mulher de família rica, e afirma querer uma bolsa de estudos para “dar tchau pro Iraque”.

A desilusão de Qaid é ainda maior em sua segunda entrevista, nas últimas páginas da matéria (figura 8). O matemático afirma que o treinamento passado pelos americanos, com substancial foco em artes marciais e luta não-armada, é largamente inútil “porque não se enfrenta os mujahidin com as mãos. Os mujahidin estão sempre armados. Eles te cercam, levam pra uma área onde não tem ninguém e te matam.” O penúltimo quadro de “Desce! Sobe!” é um close no rosto de Qaid, resumindo a situação de “todo jovem iraquiano” com brutal simplicidade: “Se você trabalha para os americanos, os mujahidin vêm te matar; se você trabalha para os mujahidin, os americanos vêm te matar; e se você fica em casa, você não ganha dinheiro.” O qua-

Figura 8 : Última página de “Desce! Sobe!”



Fonte: página 103 de *Reportagens*

dro seguinte, último da reportagem, o maior da matéria desde a primeira página, é um ângulo distanciado, cobrindo quase todo o quarto onde a entrevista final acontece. De forma similar aos relativos silêncios presentes no fim do capítulo quatro e começo do capítulo oito de *Palestina*, o espaço do quadro está quase todo vazio, com sete iraquianos sentados no chão do lado esquerdo do quadro, Qaid sozinho sentado em uma das camas no lado direito, e dois curtos recordatórios. O primeiro diz “Deixo Qaid e os outros guardas descansando no quarto.” O segundo diz “O sarg. Weaver logo vai voltar por aquela porta, e eles têm milhares de flexões pra fazer.”

Qaid, por ser a única pessoa entrevistada duas vezes, por suas entrevistas virem no meio e no fim da matéria, e por ser a única pessoa que critica o processo de treinamento durante a matéria, tem uma posição privilegiada como fonte de “Desce! Sobe!”. Ele se afasta da posição de mera “fonte” e se aproxima da posição de narrador, com seu discurso se mesclando com o da matéria. De fato, se podemos chamar suas falas de “aspas”, elas servem não para que o jornalista lave suas mãos de ter uma percepção sobre o assunto, mas para que ele coloque seu ponto de vista na matéria sem ser acusado de ser demasiadamente subjetivo. E essa é a grande diferença entre “Julgamentos de Guerra”

e “Desce! Sobe!”. Enquanto a primeira mostra uma perspectiva de mundo diluída em meio a técnicas de objetividade a ponto de ficar quase imperceptível, a segunda encontra um jeito de comunicar a perspectiva de seu autor dentro de um contexto onde essa perspectiva precisa ser minimizada.

CONCLUSÕES

A partir dessa pequena amostra, podemos perceber que Sacco é um autor influenciado pelos debates sobre objetividade e subjetividade jornalísticas, mas que suas obras não se limitam a apenas um dos lados, usando técnicas dos dois tipos com grande frequência. Desse modo, a relação entre esses temas e sua obra não é estática; ela varia de acordo com o contexto de cada trabalho, com suas conseqüentes condições de produção e conforme suas próprias rotinas produtivas. Isso nos leva a concluir que o prisma de análise é pertinente, pois identifica e descreve diferenças existentes nas obras, as conecta com tendências importantes no campo jornalístico.

Trabalhar com as noções de atos de objetivação e de subjetivação é aqui importante na medida em que permite um olhar que aproxime o fazer jornalístico em quadros de questões centrais ao jornalismo como um todo, das discussões sobre o estatuto genérico de tais produções (informativas? Opinativas? Interpretativas?) à percepção de possíveis novas formas de produção e visibilização do trabalho jornalístico para o público. Conforme dissemos anteriormente, o campo do JQ parece começar a ganhar, simultaneamente, tanto contornos próprios quanto consegue se nutrir de recursos do jornalismo dito tradicional (incluindo-se aí as estratégias discursivas de objetivação e de subjetivação).

A partir dessas considerações, e com uma potencial análise de mais obras do autor, seria possível produzir uma rede de comparações mais complexa, capaz de diferenciar entre características estilísticas constantes e exceções pontuais. Esse processo poderia ser utilizado também para buscar uma definição do que seria o “estilo” de Joe Sacco, através das virtuais recorrências estilístico-textuais e discursivas presentes em suas obras, bem como uma forma de diferenciar com precisão elementos particulares de cada uma delas.

Por fim, o método pode ser utilizado para estudar outros autores e quadrinistas do campo, que também têm uma carreira dividida entre obras que exigem relações diferentes com a objetividade jornalística, como livros-reportagem de publicação própria e matérias de diversos tamanhos em outros veículos, alguns deles submetidos a diferentes formas de temporalidade na instância da sua produção. Uma análise da produ-

ção desses autores pode usar a metodologia de atos de objetivação e subjetivação para estudar as diferenças entre matérias escritas em diferentes formatos, para diferentes veículos, e possivelmente encontrar uma correlação produtiva entre esses fatores, bem como encontrar quais elementos permanecem constantes apesar das mudanças ao seu redor.

Por ora, o que podemos perceber da obra de Sacco, a partir desse pequeno universo analisado, é a sua tentativa de harmonia entre ambas as estratégias discursivas: a objetivação, na busca de um afastamento traduzido pelos relatos dos fatos e das fontes, e a subjetivação, na busca de maior aproximação e colocação do próprio ponto de vista. Acreditamos que, dentre outros motivos, a representação visual do próprio Sacco nas reportagens não apenas visa gerar um efeito de sentido de sua presença física no *locus* relatado,

que permita a ele oscilar nas estratégias de seu discurso; para além disso, Sacco, autorretratado de modo cartunesco, nos aparece, mais do que como jornalista de quadrinhos, como uma espécie de *extensão* de um si próprio de obras anteriores (como *Derrotista*, de cunho mais autobiográfico). Diante de uma obra quadrinística de Sacco, vislumbramos que a lógica de seu *ethos*, de sua imagem, construída anteriormente de modo “autobiográfico”, esteja presente também nos seus trabalhos jornalísticos. Em suma: buscamos um outro, mas ainda o mesmo, Joe Sacco.

Artigo submetido em: 14/05/2022

Artigo aceito em: 19/10/2022

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Araújo, M. C. B. (2019) *Reportar e afetar(-se): Atos de objetivação e subjetivação na grande narrativa impressa "Viúvas do Veneno"* [dissertação não publicada]. Universidade Federal do Ceará.
- Bell, E. & Owen, T. (2017). The Platform Press: How Silicon Valley reengineered journalism. *Columbia Journalism Review*. https://www.cjr.org/tow_center_reports/platform-press-how-silicon-valley--reengineered-journalism.php/.
- Ferguson, R. (2007). *Los medios bajo sospecha: ideología y poder en los medios de comunicación*. Gedisa.
- Genette, G. (1987). *Seuils*. Seuil.
- Lochard, G. & Boyer, H. (2004). *La Comunicación Mediática*. Gedisa.
- López Hidalgo, A. (2009). *Géneros periodísticos complementarios: una aproximación crítica a los formatos del periodismo visual*. Alfaomega.
- Muanis, F. C. (2019). Os limites do histórico no quadrinho documental. *Anais do Encontro Anual da Compós*. Porto Alegre. http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_8113AFOOAZPBYNRP-DBN2_28_7261_04_02_2019_18_22_17.pdf.
- Sacco, J. (2004). A transcript of Joe Sacco's presentation at the 2002 Conference on Comics and Graphic Novels at the University of Florida. *Image Text*. <https://web.archive.org/web/20060113134126/http://www.english.ufl.edu/image-text/archives/volume1/issue1/sacco/>.
- Sacco, J. (2006). *Derrotista*. Conrad.
- Sacco, J. (2011). *Palestina*. Conrad.
- Sacco, J. (2016). *Reportagens*. Quadrinhos na Cia.
- Silva, V. P. B. (2017). *Narrativas jornalísticas em quadrinhos: Representações de identidade palestina em Joe Sacco* [dissertação não publicada]. Universidade de Brasília.
- Souza Júnior, J. N. (2010). *A reportagem em quadrinhos e as narrativas literária e fílmica do jornalismo*. [dissertação não publicada]. Universidade Federal de Santa Catarina.
- Spiegelman, A. (2009). *Maus*. Companhia das Letras.



Objetivo ou subjetivo?

O jornalismo de Joe Sacco em análise de duas reportagens

Objectif ou subjectif ?

Le journalisme de Joe Sacco analysé au travers de deux reportages

¿Objetivo o subjetivo?

El periodismo de Joe Sacco analizado en dos reportajes

Objective or subjective?

Joe Sacco's journalism analyzed through two stories.

Pt. Diante do crescente interesse pelas aproximações conceituais entre jornalismo e quadrinhos, aumenta também o número de indagações sobre o quão objetiva, ou o quão subjetiva, pode ser a prática do jornalismo feita em forma de quadrinhos, tendo em vista as suas formas integradas de expressão semiótica (ilustração, design da página, uso de cores etc.) e para além do preconceito que ainda paira sobre eles como produto cultural. Assim, o presente artigo pretende discutir sobre como se dão algumas estratégias de objetividade e de subjetividade no jornalismo em quadrinhos por meio da análise de duas reportagens do quadrinista Joe Sacco, intituladas “Julgamentos de Guerra” e “Desce! Sobe!”, ambas publicadas no livro *Reportagens (Journalism, 2012)* mas cujas origens são relativamente distintas. O trabalho teoriza sobre a possibilidade de ver, no trabalho de Sacco, as diferentes maneiras pelas quais os quadrinhos podem se relacionar com o jornalismo no tocante ao modo como enunciar tendo a realidade como referente, ora se aproximando de estruturas jornalísticas tradicionais, ora propondo alternativas a elas. O trabalho analisa os dois textos de Sacco, usando uma adaptação da metodologia chamada Análise de Atos de Objetivação e Subjetivação (ARAÚJO, 2019) para a linguagem dos quadrinhos, a fim de considerar como esses atos podem se configurar no âmbito do jornalismo quadrinístico como formas de estratégia enunciativa aceitas e/ou reconhecidas pelo campo jornalístico e pelas suas rotinas produtivas. O artigo permite concluir, dentre outras coisas, que Joe Sacco se utiliza amplamente dos dois tipos de atos, dando primazia a um ou a outro conforme as exigências do formato em que trabalha, as praticidades do processo produtivo e as preferências estilísticas sobre a obra.

Palavras-chave: Joe Sacco; objetividade; subjetividade; jornalismo gráfico; estratégia enunciativa

Fr. L'intérêt croissant suscité par les rapprochements conceptuels entre journalisme et bande dessinée s'accompagne également d'un nombre accru d'interrogations sur le degré d'objectivité ou de subjectivité de la pratique du BD reportage, compte tenu de l'intégration de ses modes d'expression sémiotique (illustration, mise en page, utilisation des couleurs, etc.) et au-delà des préjugés qui touchent encore la bande dessinée en tant que produit culturel. Cet article se propose ainsi d'examiner comment certaines stratégies d'objectivité et de subjectivité sont déployées dans le journalisme en bande dessinée en analysant deux reportages de l'auteur de BD Joe Sacco, intitulés « *Crimes de guerre* » et « *Une ! Deux !* », tous deux publiés dans le livre *Reportages (Journalism, 2012)*, mais aux origines assez distinctes. Notre réflexion théorique porte sur la possibilité d'observer, dans le travail de Sacco, les différentes manières dont la bande dessinée peut établir des liens avec le journalisme dans son mode d'énonciation à partir du réel, tantôt en se rapprochant des structures journalistiques traditionnelles, tantôt en proposant des alternatives à ces dernières. Nous analysons les deux textes de Sacco en adaptant la méthodologie dite de l'analyse des actes d'objectivation et de subjectivation (ARAÚJO, 2019) au langage de la bande dessinée, afin d'examiner comment ces actes se présentent, dans le contexte du BD reportage, comme des formes de stratégie énonciative acceptées et/ou reconnues par le champ journalistique et ses routines de production. Notre approche permet entre autres de conclure que Joe Sacco a largement recours à ces deux types d'actes, en privilégiant l'un ou l'autre en fonction

des exigences du format utilisé pour son travail, des aspects pratiques du processus de production et de ses préférences stylistiques concernant l'œuvre.

Mots clés : Joe Sacco ; objectivité ; subjectivité ; journalisme graphique ; stratégie énonciative

Es. Ante el creciente interés por las aproximaciones conceptuales entre periodismo y cómic, crecen también las interrogantes sobre cuán objetiva o subjetiva puede ser la práctica del periodismo en forma de cómics, dadas sus formas integradas de expresión semiótica (ilustración, diseño de página, uso del color, etc.) y más allá del prejuicio que aún pesa sobre esta disciplina como producto cultural. En ese sentido, este artículo pretende deliberar sobre la forma en que se dan algunas estrategias de objetividad y de subjetividad en el periodismo de cómics analizando dos reportajes del historietista Joe Sacco, titulados "War Crimes" y "Down ! Up!", ambos publicados en el libro *Journalism* (2011) pero cuyos orígenes son relativamente diferentes. El trabajo teoriza sobre la posibilidad de ver en la obra de Sacco las distintas formas en que el cómic puede relacionarse con el periodismo en cuanto a su enunciación con la realidad como referente, unas veces acercándose a estructuras periodísticas tradicionales y otras proponiendo alternativas a las mismas. El trabajo analiza los dos textos de Sacco utilizando una adaptación de la metodología denominada "análisis de actos de objetivación y subjetivación" (Araújo, 2019) para el lenguaje del cómic, con el fin de evaluar cómo estos actos pueden configurarse en el contexto del periodismo de cómics como formas de estrategia enunciativa aceptadas y/o reconocidas por el campo periodístico y sus rutinas de producción. El artículo permite concluir, entre otras cosas, que Joe Sacco utiliza ampliamente ambos tipos de actos, dando prioridad a uno u otro en función de las exigencias del formato en el que trabaja, los aspectos prácticos del proceso de producción y las preferencias estilísticas para la obra.

Palabras clave: Joe Sacco; objetividad; subjetividad; periodismo gráfico; estrategia enunciativa

En. The growing interest in conceptual similarities between journalism and graphic novels is also accompanied by a growing number of questions about the degree of objectivity or subjectivity in the practice of graphic novel reporting, considering the incorporation of its modes of semiotic expression (illustration, layout, use of color, etc.) and going beyond the stigma still attached to comics as a cultural product. This article examines how various strategies of objectivity and subjectivity are deployed in graphic journalism by analyzing two stories developed by comics writer Joe Sacco, entitled "War Trials" and "Down! Up!". Both are published in the book *Journalism* (2012), despite having distinct origins. Our theoretical discussion focuses on the possibility of observing, in Sacco's work, the different ways in which graphic novels share similarities with journalism in regards to their mode of enunciation of reality, at times drawing closer to traditional journalistic structures, at others proposing alternatives to them. We examine Sacco's two essays by adapting the methodology of analyzing the acts of objectification and subjectivation (ARAÚJO, 2019) to the language of the graphic novel, thus observing how these acts present themselves, in the context of graphic novel reporting, as forms of enunciative strategies accepted and/or recognized by the journalistic field and its productions routes. Our approach allows us to conclude, among other things, that Joe Sacco makes extensive use of both types of strategies, choosing one or the other depending on the format used for his work, the practical aspects of the production process and his stylistic preferences regarding the work.

Keywords: Joe Sacco; objectivity; subjectivity; graphic journalism; enunciative strategy

